



A fonte de Duchamp: uma homenagem especial

Adolfo Montejo Navas
"Aniversário-Homenagem", 2017
tela e caneta esferográfica, 20 x 15 cm



Há um século nasceu uma obra que já trazia importantes questões e características do que hoje chamamos de Arte Contemporânea. Podemos dizer que este trabalho continha, assim, a semente de problemas atuais basilares, procedimentos artísticos como a apropriação, a discussão da autoria e o questionamento do sistema de arte. Esta obra chamava-se **fonte**, criada pelo francês



André Petry
"Arte é cada coisa / L.H.O.O.Q.P.", 2017. Circuitos de televisão 5" e DVD player. 12,5 x 56 x 25 cm

Marcel Duchamp (1887-1968), em abril de 1917. O mais impressionante da história desta famosa obra de arte é que ela jamais foi vista pelo público, pois nunca foi exibida e desapareceu logo depois de sua criação.



Ale Amorin
"Fototaxia para a Morte", 2017
caveira em resina, inseto e casulo encapsulados em resina cristal, luminária pública, luz com bateria e madeira, 25 x 53 x 23 cm

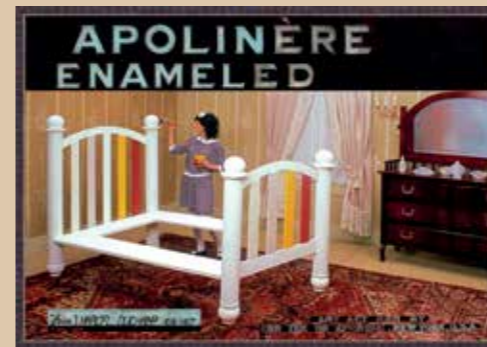


Felipe Barbosa
"Abrigo", 2002. Auto-estrutura com 6 guarda-chuvas e 24 pregadores de roupas, cerca de 120 Ø cm

Alfi Vivern
"The Table on the book", 2005. Vidro, livro, bronze. Ca. 40 cm de altura, Coleção particular



Antônio Augusto Bueno
Sem título, 2007
Modelagem com tijolo cru e argila. 57 x 24 x 20cm



Patrício Farias. "Marcel Duchamp", 2008
Fotografia. Edição de 6. 160 X 225 cm

A *Fonte* foi a continuação de experimentos vanguardistas que Duchamp fazia desde 1913, mais tarde chamados por ele de *readymades*, alguma coisa entre uma

brincadeira, provocação e reflexão teórica. Em 1915, o artista radicou-se nos Estados Unidos, inserindo-se num centro mundial importante e longe dos horrores da I Guerra Mundial, a qual enfrentava o seu país. Em 1917, este enxadrista aficionado pelas jogadas arriscadas resolveu provocar ainda mais. Ele "fez" o *readymade Fonte* especialmente para ser exibido na Primeira Exposição Anual da Sociedade de Artistas Independentes, sediada



Bebeto Alves. "Por Lugares Diferentes do Corpo III", 2017. Impressão em foam board, adesivo translúcido, lâmpadas, vidro e adesivo. 50 x 100 cm

em Nova Iorque. Duchamp era também um membro-fundador dessa entidade, cujo objetivo era organizar exposições de trabalhos dos associados.



Britto Velho. Sem título, 2004. Mala com pintura (acrílica s/ tela), 57 x 50 x 78 cm. Coleção JP Zanin

Fonte era nada menos do que um simples mictório industrial de porcelana, comprado dias antes, em conluio com outros dois colegas da sociedade, Walter Arensberg e Joseph Stella, na loja J. L. Mott Iron Works. Sob o pseudônimo de "Richard Mutt", Duchamp pegou o urinol e transformou-o em obra de arte com apenas três meros procedimentos: girou a peça em ângulo de 90 graus da posição original, assinou na obra "R. Mutt, 1917" e batizou-a "Fountain" (*Fonte*). Porém, a obra foi **recusada** pela organização da mostra (que ele mesmo fazia parte, mas não opinou) e a exposição foi inaugurada em 10 de abril de 1917. Assim, a consequência de sua provocação, a polêmica, foi o que alçou *Fonte* à canonização artística.



Ana NoroGrando. "Tronco", 2016. Fragmento de manequim, mangueira de PVC e outros materiais. 78 x 32 x 28 cm

Ainda sem saber-se que Richard Mutt era, em verdade, um dos principais dirigentes da entidade, nas discussões da Sociedade de Artistas o conselheiro Duchamp não aceitou a recusa da inscrição do "Sr. Mutt", afinal, ele mesmo. A revolta era porque o escopo da exposição era justamente a liberdade artística, pois cada artista mostrava o seu trabalho, e pronto. O regulamento da mostra era, simplesmente, **"sem júri, sem prêmios"**. Para participar, bastava aos artistas unicamente inscre-

verem-se na Sociedade. Com a polêmica, Duchamp renunciou ao seu posto na entidade, seguido por seu melhor amigo, Walter Arensberg.

Para marcar a posição – provocação – do "Sr. Mutt", um desafio ao conceito de liberdade tanto da Sociedade de Artistas quanto ao sistema de arte, foi publicado um texto, em tom de manifesto, no número 2 da revista *The Blind Man* (16 páginas, maio de 1917), da qual



Daniel Escobar. "The World #3", 2012
Fotografia PA e Caixa de Luz. 60 x 90 cm. Acervo MAC. Doação do artista.

nem Duchamp se interessou por ela, passando o artista a propor mais de suas *provocações*, sem se importar, pelo menos por enquanto, com a permanência física dos *readymades*.

A provocação de Duchamp, a par de todas as teses, histórias e especulações que giram em torno do *readymade*, de *Fonte* e dos demais, com o tempo reverberou e foi adquirindo maior importância. Em especial a partir da década de 1950, com a Pop Arte, e, definitivamente, nos anos 60 e 70, do Minimalismo à Arte Conceitual, linguagens que formam a base dos problemas do que hoje entendemos como Arte Contemporânea.

A provocação que vemos na arte do Séc. XXI, inclusive, o humor e, principalmente, a elaboração mental como características da arte contemporânea, tem em Duchamp a sua origem, em vários aspectos. Muito dos procedimentos construtivos da obra de arte nos últimos 60 anos tem nos *readymades* precedentes fundamentais: a apropriação de objetos, coisas pré-existentes, e o uso de técnicas industriais na feitura – ou montagem – das obras. O artista, assim, deixa de fabricar ele mesmo o trabalho, não o faz manualmente, pois somente *elabora* a ideia contida na obra. A arte como elaboração mental, sem que o artista *faça* a obra com as próprias mãos.



Fernanda Martins Costa. "Colo de mãe", 2017. Sofá, bonecos de pelúcia, correntes e cadeados, 180 x 80 x 110 cm



Emm M. "Fountain", 2017, tinta-da-china sobre papel olin, 51 x 72 cm

Duchamp era um dos editores. "The Richard Mutt Case" explicitou o objetivo do envio de *Fonte* para a exposição e o significado da obra, ou seja, da atitude do artista. Foi reproduzida uma fotografia da obra feita por Alfred Stieglitz em sua galeria-ateliê, a única reprodução existente da peça (aparece nesta foto, ainda pendurada na *Fonte*, o cartão de inscrição da obra, preenchido por "Richard Mutt"). Após isto, *Fonte* sumiu completamente, pois



Ricardo Giuliani. "O que nos cabe?", 2017. Pintura s/ banner promocional de gasosa, nanquim, acrílica e colagem, 142 x 307 cm.



Fernando Baril. "Relendo Duchamp", 2017. Acrílica s/ tela, canos de PVC e urinol 161 x 60 x 25 cm



Rui Macedo. "Piège #2", 2017
óleo s/ tela. 50,5 x 86,5 cm

Giovana Zimermann.
"Armila II",
2010-2017. Fibra
de vidro e aço
inoxidável, 110 x
197 Ø cm (base)



Há que se ponderar que *Fonte* e os demais *readymades* tinham como objetivo sacudir o meio das vanguardas, naquele contexto das primeiras décadas do Séc. XX. Propunha uma ideia ainda mais desafiadora do que as experiências mais radicais apresentavam, há 100 anos atrás. Em especial colocar em xeque a condição da criação artística e o sistema de arte: afinal de contas, quem decide o que é arte? Quais os limites da arte? Passaram-se 100 anos e vemos que esta problemática é praticamente uma premissa da arte contemporânea.



Leandro Machado. "Garatujas", 2017. Cerca de 13 conjuntos em ferro. Dimensões variáveis.

E o sistema de arte, com o tempo, não só não se sentiu incomodado com a provocação de Duchamp, como a canonicizou. Hoje, existem nada menos do que 16 réplicas "oficiais" da *Fonte*, refeitas nos anos 50 e 60 com a autorização do artista (assinatura R. Mutt e autoria M. Duchamp), em museus e coleções das mais importantes pelo mundo. Obras sacralizadas, que ocupam a vigilância e os cuidados de poderosas instituições, centro de atenção dos respectivos acervos. Sem contar como atrativo de vandalismos organiza-



Mário Röhnelt. Série Revisão 02, 2017
Impressão digital sobre PVC. 36 x 100 cm

dos, como forma de denúncia desta condição a que dizem, os incomodados, ter "subvertida" a antiarte original de Duchamp.

Neste ano, em vários lugares do mundo, tivemos em museus e instituições artísticas o registro da passagem de um século de *Fonte*. Nesse sentido, no Brasil, como já mencionado, tivemos a homenagem com obras do acervo do MARGS, e, agora a presente mostra no **MAC-RS**, com obras de artistas convidados, a maior parte com trabalhos especiais para a ocasião.

São cerca de 56 obras de 24 artistas, cujos trabalhos relacionam-se com a natureza duchampiana, aos procedimentos propostos por este artista, em especial pelos *readymades*. As obras escolhidas assim apresentam características variadas com a herança de Duchamp, com trabalhos de caráter **objetual**, a **apropriação** de materiais e *coisas* preexistentes, a **elaboração mental** e não manual dos objetos, o **humor**, o **jogo**, a **provocação** e até mesmo a **revolta** com a situação atual da política e das instituições brasileiras.

Nestas obras exibidas no MAC-RS, assim como ocorreu antes no MARGS, não poderia ser diferente, temos variadas, simples e sofisticadas experiências artísticas, num universo de possibilidades que é uma das mais atrativas marcas da arte contemporânea, que a cada dia testa os seus limites. O primeiro a testá-los? Foi Duchamp, com seus *readymades*.

José Francisco Alves
Doutor em Crítica de Arte, membro da AICA



Lauer Santos. "M. Duchamp mise à nu par R. Mutt, mème", 2017 (díptico). Óleo sobre tela, 80 x 160 cm



Zalinda Cartaxo. Sem título, 2017
Fotografia manipulada s/ papel adesivo, 50 x 50 cm



Fonte, 1917 (Réplica oficial por Marcel Duchamp, Milão, 1964). Porcelana, 63 x 48 x 35 cm. Acervo: Musée National d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou, Paris
José Francisco Alves @ 2015.

IDENTIDADE VISUAL DA EXPOSIÇÃO:

Folder e Convite:
José Francisco Alves. Logo da mostra realizado em parceria com André Petry.

Folder da exposição impresso unicamente com a contribuição de artistas participantes da mostra.

APOIOS:

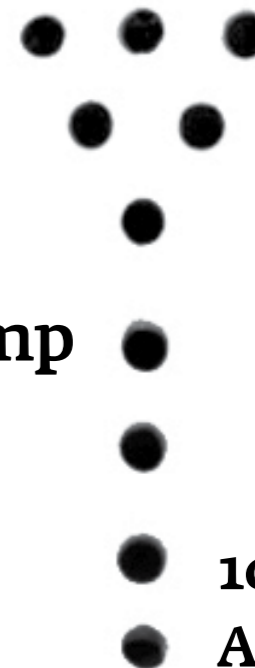


REALIZAÇÃO:



Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul / MAC-RS
Casa de Cultura Mario Quintana - CCMQ - Rua dos Andradas, 736 - 6º andar
90020-004 Porto Alegre-RS / Brasil www.facebook.com/contemporanears

25 vezes Duchamp



100 anos A fonte

- Adolfo Montejo Navas
- Ale Amorin
- Alexandre Antunes
- Alfi Vivern
- Ana Norogrande
- André Petry
- Antônio Augusto Bueno
- Bebeto Alves
- Britto Velho
- Daniel Escobar
- Ema M
- Felipe Barbosa
- Fernanda Martins Costa
- Fernando Baril
- Gilberto Perin
- Giovana Zimermann
- Lauer Santos
- Leandro Machado
- Mário Röhnelt
- Nelson Leirner
- Patrício Farias
- Ricardo Giuliani
- Rui Macedo
- Zalinda Cartaxo

Curador
José Francisco Alves

25 de julho a 3 de setembro de 2017
Museu de Arte Contemporânea
do Rio Grande do Sul / MAC-RS